



Educação e Pandemia: os desafios para o ensino de Língua Portuguesa

Education and the Pandemic: the challenges for teaching the Portuguese Language

 Rosangela Pereira de Sousa

Doutora em Educação

Universidade Estadual do Piauí- UESPI

Teresina, Piauí, Brasil

rosangelapereira@ccm.uespi.br

 Raquel Leal de Carvalho

Graduanda em Letras/Português

Universidade Estadual do Piauí- UESPI

Teresina, Piauí, Brasil

raquellaldecavalho09@gmail.com

Resumo: Partindo do cenário educacional proporcionado pela pandemia de COVID-19, esta pesquisa suscita algumas reflexões sobre os desafios do ensino de Língua Portuguesa durante o período de aulas remotas. Para isso, embasou-se em autores como Antunes (2003), Morin (2009), Moran (2000), Silva (2002), entre outros. Como metodologia, adotou-se uma pesquisa de campo, mediante abordagem qualitativa, visto que as pesquisadoras observaram as aulas de Língua Portuguesa, em turmas do Ensino Médio, em uma escola estadual, da cidade de Teresina-PI. Constatou-se a dificuldade dos alunos e professores em manusear aplicativos como *Google Meet* etc; os obstáculos enfrentados pelo docente de Língua Portuguesa ao buscar centralizar o ensino no texto, além de encontrar-se em posição que requeria o desenvolvimento de estratégias didático-pedagógicas; ademais, os discentes, nas aulas remotas, tiveram aprendizagem deficitária. Observou-se, portanto, a complexidade do ensinar e aprender e a necessidade de adaptação e de superação por parte dos docentes e discentes.

Palavras chave: educação; pandemia; ensino de língua portuguesa.

Abstract: Starting from the educational scenario provided by the COVID-19 pandemic, this research aims to raise some reflections on the challenges of teaching Portuguese during the period of remote classes. For this, it was based on authors such as Antunes (2003), Morin (2009), Moran (2000), Silva (2002), among others. As a methodology, a field research was adopted, through a qualitative approach, since the researchers observed the Portuguese Language classes, in High School classes, in a state school, in the city of Teresina-PI. It was found the difficulty of students and teachers in handling applications such as Google Meet etc; the obstacles faced by Portuguese language teachers when seeking to centralize teaching in the text, in addition to finding themselves in a position that required the development of didactic-pedagogical strategies; in addition, students in remote classes had poor learning. It was observed, therefore, the complexity of teaching and learning and the need for adaptation and overcoming on the part of teachers and students.

Keywords: education; pandemic; Portuguese language teaching.

Cite como

(ABNT NBR 6023:2018)

SOUSA, Rosangela Pereira de; CARVALHO, Raquel Leal de. Educação e pandemia: os desafios para o ensino de Língua Portuguesa. *Dialogia*, São Paulo, n. 46, p. 1-11, e24210, set./dez. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/46.2023.24210>

American Psychological Association (APA)

Sousa, R. P. de., & Carvalho, R. L. de. (2023, set./dez.). Educação e pandemia: os desafios para o ensino de Língua Portuguesa. *Dialogia*, São Paulo, 46, p. 1-11, e24210. <https://doi.org/10.5585/46.2023.24210>

Introdução

As conjunturas sociais, políticas e educacionais passam por transformações no decorrer dos anos, sejam por incremento na melhoria do *status quo* de maneira geral, sejam ocasionadas por intempéries naturais. Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que o mundo passava por uma pandemia. Três meses e meio após esse anúncio, já havia 9.454.051 de casos confirmados de COVID-19 e quase meio milhão de mortes em todo o planeta (Who, 2020). Isso gerou uma crise sem precedentes. A pandemia do coronavírus impôs uma nova ordem, resultando em outro ritmo de vida para a humanidade, onde o caos se instaurou de maneira generalizada. No Brasil, a grave crise sanitária trouxe implicações em vários setores da sociedade, mormente em âmbito educacional, exigindo a figura de um novo educador, capaz de lidar com as incertezas, pois “é preciso aprender a entender a incerteza, já que vivemos em uma época de mudanças em que os valores são ambivalentes, em que tudo é ligado” (Morin, 2009, p.84).

Essas mudanças estão inseridas em um quadro mais amplo de transformações no cenário educacional. Nesse contexto, emerge a convivência com novas tecnologias de comunicação e informação, a lógica dos espaços e tempos virtuais e midiáticos, a capacidade de processar e selecionar informações; é uma realidade que exige um novo sujeito capaz de absorver as linguagens e formas de como construir conhecimento, bem como produzir bens e serviços para atender às demandas da sociedade moderna.

Nesse processo, se impõem demandas buscando adequar a educação às exigências de um mercado cada vez mais especializado, sugerindo o desenho de um circuito integrado que envolva os avanços tecnológicos, o novo modelo de desenvolvimento e a produção do conhecimento. Diante disso, os professores se veem desafiados em relação a como trabalhar no processo de ensino-aprendizagem, de forma a ajudar os educandos a desenvolverem a capacidade cognitiva e habilidades -imprescindíveis para a ação e interação sociocultural no contexto complexo e mutável da sociedade da informação e do conhecimento.

No seio dessa nova conjuntura social, a pandemia proporcionou alteração nas relações entre professores e alunos, profissionais da educação que atuam nos vários espaços escolares, pais e mestres, entre outros, ressignificando tais aspectos, que ficaram permeados, muitas vezes, por alto nível de estresse, descontentamento, aborrecimentos e, não raro, pela ausência de diálogos francos e amistosos, tão imprescindíveis no ambiente de ensino e aprendizagem

Enfim, diante dessa realidade emergente, houve que implicações para a escola? Quais os impactos da pandemia na educação? E os professores de Língua Portuguesa, como estão vivenciando esta nova realidade? Quais os impactos e desafios da pandemia para o ensino de língua? Como se configura a educação em tempos de pandemia? Estas questões instigaram a

realização desta pesquisa, perspectivando aprofundar e sistematizar diferentes aspectos epistemológicos sobre o ensino de língua portuguesa no contexto da pandemia, como via possibilitadora de autotransformação do indivíduo que envolve e provoca aprendizagens em diferentes domínios da existência, evidenciando o processo que acontece em cada sujeito, traduzindo-se na dinâmica que estrutura ou é estruturada por cada um no seu modo de ser, estar, sentir, refletir e agir.

Com base nesta realidade, esta pesquisa, realizada no auge desse cenário, objetivou suscitar algumas reflexões sobre a educação em tempos de pandemia, aulas remotas e sobre os desafios do uso das tecnologias digitais no processo pedagógico, sobretudo no ensino de Língua Portuguesa, para a formação de pessoas críticas, criativas, autônomas, agentes, em um tempo em que a aspiração pelo exercício pleno da cidadania se impõe. A presente proposta de estudo se caracteriza como pesquisa de campo, mediante abordagem qualitativa, visto que as pesquisadoras observaram as aulas de Língua Portuguesa, nas turmas do 1º, 2º e 3º do Ensino Médio, em uma escola estadual, da cidade de Teresina-PI.

2 Contextualização

Diante do cenário mundial, ocasionado pela pandemia de coronavírus, os governantes dos vários países implementaram uma gama de medidas perspectivando atenuar os impactos negativos da crise, no contexto dos vários setores da sociedade, principalmente no que tange ao setor educacional. No Brasil, não foi diferente, haja vista os problemas com o baixo acesso à internet, por parte da sociedade brasileira, bem como a precariedade dos aparelhos tecnológicos existentes, seja nos lares ou nos espaços escolares. Segundo dados da PNAD (IBGE, 2018), 20,9% dos domicílios brasileiros não têm acesso à internet, o que representa cerca de 15 milhões de lares. Em 79,1% dos domicílios que têm acesso à rede, o celular é o equipamento mais

utilizado e encontrado em 99,2% das residências, sendo que muitas famílias compartilham um único equipamento, o que dificulta a realização de atividades escolares pelos alunos oriundos das famílias de baixa renda. Por outro lado, as famílias de classe média e alta, por usufruírem de poder aquisitivo mais elevado, possuem uma estrutura privilegiada para a realização das mesmas atividades, além do acompanhamento dos pais, ou professores de reforço escolar.

Outro agravante é que as residências das classes populares se configuram, normalmente, com poucos e pequenos cômodos, onde convivem várias pessoas, dificultando a dedicação dos alunos às atividades escolares. A pesquisa TIC Kids Online Brasil (CETIC, 2019) mostra que 11% das crianças e adolescentes de 9 a 17 anos não têm acesso a internet, correspondendo a 3 milhões de indivíduos, sendo que 1,4 milhão nunca acessou a rede. Os dados denunciam um dos maiores

desafios da educação no período da pandemia, que é o acesso das pessoas à internet banda larga para continuarem aprendendo e, obviamente, ensinando, pois muitos professores também se enquadram nessa estatística, principalmente os que residem nas zonas rurais do país.

2.1 O ensino de Língua Portuguesa

O ensino de Língua Portuguesa embora tenha passado por reformulações no que concerne suas concepções, seu fazer pedagógico e metodológico, “uma premissa permaneceu inalterada: a necessidade de se ensinar/aprender a leitura e a escrita” (Raupp, 2004, p.53). Em reflexões referentes à atividade pedagógica do ensino de português, Antunes (2003) enfatiza os avanços e o empenho das políticas públicas em tornar as práticas educacionais primorosas, no entanto, elenca quatro campos que, ao seu ver, precisam ser observados com mais atenção: a oralidade, a escrita, a leitura e a gramática.

Conforme Antunes (2003, p. 24), no que se corresponde às atividades relacionadas à oralidade, pode-se constatar, resumidamente

uma quase omissão da fala como objeto de exploração no trabalho escolar [...]. uma visão equivocada da fala, como lugar privilegiado para violação das regras da gramática [...]. concentração de atividades em torno dos gêneros da oralidade informal, peculiar às situações da comunicação privada [...]. ou seja, uma generalizada falta de oportunidades de se explicar em sala de aula os padrões gerais da conversação, de se abordar a realização dos gêneros orais da comunicação pública, que pedem registros mais formais [...]

Além disso, Antunes (2003, p. 26) constata que o ensino da escrita está moldado em produção mecânica, periférica, na “prática de uma escrita artificial e inexpressiva”, sem função. Essa ausência de função também dificulta o desenvolvimento das práticas leitoras, baseadas, muitas vezes, na decodificação de códigos (Antunes, 2003), “uma atividade de leitura puramente escolar, sem gosto, sem prazer, convertida em momento de treino, de avaliação ou oportunidade para futuras cobranças” (Antunes, 2003, p. 28).

Diante de tais perspectivas, pode-se evidenciar que o ensino de Língua Portuguesa é - ou deveria ser - sempre situado de modo que remeta ao emprego das faculdades comunicativas do aluno, e este, enquanto agente da comunicação, precisa do que se pode designar como espaço da palavra, onde se confrontam sujeitos e dizeres orais ou escritos. No confronto, o papel ativo do aluno transparece mediante o uso da linguagem (Raupp, 2004).

3 Resultados e discussões

É pertinente enfatizar que esta pesquisa foi realizada em uma escola estadual da Zona Leste de Teresina, capital do estado do Piauí. No ano letivo de 2021, durante o período de aulas remotas, as autoras participaram das aulas de Língua Portuguesa, nas turmas do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio, no turno vespertino. A partir dessas experiências, foram gerados os subsídios para as discussões aqui presentes.

3.1 Implementações emergenciais para o ensino remoto no Piauí

Devido às restrições necessárias para administrar e combater a pandemia de COVID-19, os profissionais da área da educação perceberam-se diante de situações que exigiam ímpeto estratégico para contornar as circunstâncias. O momento inflamou provocações e discussões em âmbito educacional, tanto nos setores acadêmicos quanto nas deliberações internas do ensino básico. Segundo dados do Censo Escolar da Educação Básica, de 2020, as escolas do estado do Piauí tiveram de adotar procedimentos metodológicos específicos a fim de desenvolver atividades relacionadas ao ensino-aprendizagem, dentre elas, constam-se: oferta de materiais impressos (livros didáticos impressos, apostilas, atividades em folha etc.); disponibilização de materiais na internet, por meio de vídeos, podcasts, publicações em redes sociais, plataformas virtuais, aplicativos para celular; e/ou aulas previamente gravadas (assíncronas) pela internet.

Entretanto, tais medidas não foram suficientes para garantir o acesso dos alunos às programações escolares, visto que, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Anual (PNAD), 975 mil piauienses, acima de 10 anos de idade, em 2019, não obtinham acesso à internet nos meses de referência da pesquisa; e 19,8% relataram a dificuldade em adquirir equipamentos tecnológicos, devido aos custos financeiros. Esses impasses fizeram o governo do Estado proporcionar aos discentes e profissionais da educação conexão gratuita à internet e aquisição de equipamentos eletrônicos.

Apesar da implementação emergencial de aparelhos eletrônicos por parte do governo estadual, sabe-se que as mediações tecnológicas, por vezes, mostram-se falhas. Durante a pesquisa, as autoras identificaram a dificuldade de os discentes se manterem atentos às aulas, e as inúmeras quedas de energia e oscilações na rede de internet foram um dos fatores determinantes nesse cenário. Além disso, tanto os alunos quanto os professores precisaram aprimorar seu uso das Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC. Conforme Kenski (2009, p.103),

um dos grandes desafios que os professores brasileiros enfrentam está na necessidade de saber lidar pedagogicamente com alunos e situações extremas: dos alunos que já possuem conhecimentos avançados e acesso pleno às últimas inovações tecnológicas aos que se encontram em plena exclusão tecnológica [...]

A pandemia de COVID-19 modificou bruscamente as metodologias de ensino-aprendizagem, os docentes e discentes precisaram lidar com novas ferramentas digitais que, de certo modo, não se faziam presentes no ambiente escolar. Embora os alunos tenham conhecimentos no que tange às inovações tecnológicas, aplicativos como *Zoom*, *Google Classroom – Google sala de aula*, *Google Meet* e outras plataformas utilizadas durante o período de aulas remotas demandavam habilidades específicas para seu manuseio, e, muitas vezes, os professores e gestores não tinham este domínio.

3.2 Dificuldades enfrentadas pelo professor de Língua Portuguesa

Primeiramente, pode-se destacar que “o uso o das tecnologias no trabalho docente exigem concepções e metodologias de ensino diferentes das tradicionais, para atender as necessidades educacionais contemporâneas” (Rosa, 2013, p.221) e, no panorama de suspensão de atividades escolares presenciais, os professores precisaram aprender a utilizar, como mencionado anteriormente, “sistemas de videoconferência, como o *Skype*, o *Google Hangout* ou o *Zoom* e plataformas de aprendizagem, como o *Moodle*, o *Microsoft Teams* ou o *Google Classroom*” (Moreira; Barros, 2020, p. 352).

Compreende-se que as maiores implicações concernentes ao papel das tecnologias digitais no ensino público, até então, estavam envoltas em um futuro apenas vislumbrado; certamente, os educadores de Língua Portuguesa, caso não houvesse a pandemia, teriam de enfrentar essas questões com mais delicadeza apenas quando a escola pública já se encontrasse no limiar de um agudo desarranjo com a realidade das tecnologias digitais. Não é absurdo considerar esse cenário se for observado que, embora dispositivos digitais façam-se presentes no ambiente escolar, o processo de formação dos professores ainda não estava devidamente articulado com as transformações tecnológicas, e essa articulação é imprescindível (De Júnior et al, 2020).

É evidente que os professores dos diversos componentes curriculares foram impactados pela ruptura do ensino presencial e adaptação emergencial do ensino remoto, todavia, o docente de Língua Portuguesa se encontrou em posição que requeria o desenvolvimento de estratégias didático-pedagógicas que capturassem o interesse dos alunos e combatessem a dispersão do ambiente; se antes, no ensino presencial, o professor já precisava mobilizar os alunos para as atividades em sala, no contexto da aula remota, a evasão tornou-se propícia por conta da distração

das redes e, muitas vezes, o próprio ambiente doméstico ensejava uma postura de dispersão no discente. E, como sabido, a disciplina de Língua Portuguesa demanda relação interativa e dialógica por parte dos alunos, para que as competências e habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) sejam, de fato, efetivadas.

As autoras, em sua pesquisa, observaram que o maior desafio na execução do ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, no período remoto, consistia na busca por centralizar o ensino no texto, como fundamenta a BNCC (Brasil, 2018, p. 67, grifo nosso)

Tal proposta assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses.

As habilidades de leitura e produção textual com alunos da educação básica necessitam de assistência pessoal para serem desenvolvidas, pois esse processo exige interações, reiteraões, discussões e reescritas, ações essas que, muitas vezes, no próprio ambiente escolar, carecem de empenho dos docentes e interesse dos estudantes. Tais carências são ampliadas ao se observar o contexto de aulas *online*, pois não há possibilidade de o professor mediar esses conhecimentos específicos sem o contato com o alunado e a devolutiva de atividades.

3.3 Aulas remotas de Língua Portuguesa: aprendizagem deficitária

Antes, sala de aula, quadro, pinceis e interação com a comunidade escolar. No entanto, durante as aulas remotas, “A casa tornou-se o lugar do fogão, da limpeza, do lazer, das trocas culturais pelo celular e... do ensino. Tudo junto, dentro do mesmo espaço, antes tomado por rotinas relativamente separadas” (Cury, 2020, p.13). Isso, para o aluno, sem sombra de dúvidas, impactou o processo de aprendizagem, sobretudo de Língua Portuguesa, visto que esse componente curricular exige postura ativa e concentração, muitas vezes inibida pelas dispersões do ambiente domiciliar.

Ademais, para que o discente compreenda, à guisa de exemplo, os gêneros textuais, o docente precisa articular procedimentos metodológicos que promovam significativo envolvimento dos discentes, “colocar os alunos em situações de comunicação que sejam o mais próximas possível de verdadeiras situações de comunicação, que tenham um sentido para eles, a fim de melhor dominá-las como realmente são [...]” (Dolz; Schneuly, 2004, p. 81), estratégia essa atravancada pelo ambiente virtual, prejudicando diretamente o desempenho do alunado.

Ainda, o estudante encontrou-se diante da incidental mudança de paradigmas, o qual precisou assumir postura de investigador, analista de possibilidades, protagonista do processo de ensino-aprendizagem, e, segundo Moran (2000, n. p., grifo nosso)

ele é privilegiado na relação que tem com a tecnologia. Ele aprende rapidamente navegar, sabe trabalhar em grupo e tem certa facilidade de produzir materiais audiovisuais. Por outro lado, o aluno tem dificuldade de mudar aquele papel passivo de executor de tarefas, de devolvedor de informações. Na prática, acaba assumindo um papel bastante passivo em relação as suas reais potencialidades.

É notório que essa passividade do aluno, exposta pelo autor, é consequência do modelo educativo tradicional, pautado na “transmissão” de conceitos por parte dos professores, em que a figura estudantil assume a posição de receptor de informações, estudando apenas aquilo que lhe é proposto. Sabe-se que compreender aspectos morfológicos, sintáticos, fonológicos, abordagens literárias, desenvolver habilidades de leitura e escrita etc, sem mediação direta do professor, é tarefa árdua e, por vezes, fadigosa; mas, se o aluno, desde os anos iniciais da formação educacional fosse instruído a assumir postura ativa diante da educação, o déficit de aprendizagem no período de aulas remotas seria menos impactante.

As repercussões da pandemia e, em consonância, do contexto de ensino remoto, também desencadearam efeitos sobre a saúde psicológica dos estudantes. As pesquisadoras notaram que, durante as aulas, havia certo esmorecimento generalizado nas turmas, de modo bem distinto do que ocorria outrora. Dificuldade de concentração, desânimo, lânguido ritmo de aula, estes foram apenas alguns dos aspectos característicos dessa mudança, todos correlacionados à saúde mental dos alunos.

Não é difícil imaginar o quão as aulas de Língua Portuguesa foram comprometidas por tal conjuntura. O ensino ganhou inclinação mais impessoal, dado o distanciamento provocado pela modalidade de aula remota, acentuando a sensação de isolamento e, em consequência, pioraram as condições para que houvesse adesão da turma às atividades pedagógicas propostas pelas professoras.

Se, por exemplo, fosse solicitada alguma contribuição dos alunos às discussões promovidas em sala, havia reticência, muitos dos alunos pareciam estar numa deriva, alheios ao processo pedagógico. A sensibilidade das docentes para captar o grau de envolvimento da turma, competência adquirida e aprimorada nas experiências vividas em sala de aula, não encontrava, mediante plataformas virtuais, o subsídio necessário ao seu emprego.

Os olhares, as hesitações, a postura dos alunos em sala, entre outros dados fornecidos pelo contato pessoal com a turma, já não estavam tão acessíveis, e, mesmo quando as câmeras estavam

ligadas, as professoras não poderiam formar um panorama preciso como ocorria presencialmente. Assim, era mais difícil dar assistência aos alunos, havia maiores complicações no processo de administrar o ritmo das aulas.

Ademais, a socialização é um dos principais efeitos positivos proporcionados pelo ambiente escolar, algo que, se não foi aplacado pela circunstância do ensino remoto, foi bastante dificultado. Assim, a interação dos alunos esteve limitada aos ambientes virtuais, onde estão ausentes as experiências essenciais de contato com o outro, que permitem “a aprendizagem de estratégias de entendimento acerca de coisas, de fatos e de situações do mundo objetivo, subjetivo e social” (Casagrande; Hermann, 2020, p. 11).

A aprendizagem dos alunos, por conseguinte, sofreu a ação dos fatores descritos acima. O ritmo das aulas, a precária condição de sua manutenção, as afetadas disposições psicológicas da turma, bem como a ausência de fundamentais experiências proporcionadas somente pelo ambiente da escola, foram reflexo dessa aprendizagem deficitária.

4 Notas (in) conclusivas

No bojo da pandemia de coronavírus, emergiram mudanças na vida de parte significativa da população e, no que tange à educação, se evidenciou uma máxima bastante antiga de que a educação precisa se reinventar, pois não tem mais espaço, na sociedade atual, para um ensino meramente conteudista, instrucionista e reprodutivista. No cenário pós-pandemia, é mister conjugar esforços que ultrapassem o ensino centrado unicamente na transmissão do conhecimento, no falar-ditar do mestre (Silva, 2002), ensejar outros aportes metodológicos, que embora levem em conta o potencial das tecnologias digitais, não desconsiderem a relevância e a necessidade da interação face a face, entre docentes e discentes, como mecanismo substancial de aprendizagem. Isso porque o ensino de Língua Portuguesa fundamenta-se na construção de múltiplas linguagens, o que favorece a mediação, a colaboração, a autonomia, sobretudo a criatividade e a autoria dos atores envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

A grande questão consiste na dúvida a respeito do que permanece quando o espaço escolar e as situações e processos a ele inerentes são modificados por circunstâncias inéditas, conforme descrito no presente trabalho. É evidente que o capital humano assoma como elemento fundamental do ensino; de acordo com o que foi percebido pelas pesquisadoras, a valorização, preparo e capacitação dos gestores e agentes são essenciais para o êxito da educação ante quaisquer inflexões na ordem social.

Portanto, as reflexões e a experimentação da educação no contexto da pandemia, apresentadas neste artigo, evidenciam a complexidade do ensinar e aprender, e as dificuldades que

os professores e alunos enfrentaram durante esse período. Contudo, é necessário conviver com o novo e os professores, certamente, estarão cada vez mais preparados para enfrentar os desafios do ensino. Daí a necessidade de adaptação e de superação por parte de docentes e discentes, vislumbrando sempre uma educação de qualidade e um futuro promissor para a sociedade.

Referências

ANTUNES, Irlandé. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo, Parábola Editorial, 2003. BRASIL.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.
Censo da Educação Básica 2020: notas estatísticas. Brasília, DF: INEP, 2021. BRASIL.

Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

CASAGRANDE, Cledes; HERMANN, Nadja. *Formação e homeschooling: controvérsias*. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 15, e2014789, p. 116, 2020. Disponível em:
<https://revistas.apps.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/14789/2092092> 12953
Acesso em: 10 fev. 2023.

DE SOUSA JÚNIOR, Michael Gouveia; DA SILVA, Francisco Gabriel Cordeiro; COSTA, Marco Antônio Margarido. *Tecnologias digitais e formação de professores: implicações para as práticas de ensino de professores de cursos de licenciatura em Letras*. Revista Linguagem em Foco, v.12, n.2, 2020. p. 150 - 169.
Disponível em:
<https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/4054>. Acesso em: 10 fev. 2023.

IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua 2018*. Disponível em:
https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101705_informativo.pdf Acesso em: 10 fev. 2023.

KENSKI, V. M. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. 5.ed. Campinas, SP: Papirus, 2009.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida.
Novas Tecnologias e mediação pedagógica. São Paulo: Papirus, 2000.

MORIN, E. *Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana*. 3ª ed. S. Paulo: Cortez, 2009.

MOREIRA, J. A.; HENRIQUES, S., Barros. D. *Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia*. Dialogia, 34, p. 351-364, 2020. Disponível em:
<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/9756> Acesso em: 10 fev. 2023.

MOREIRA, J. A.; SCHLEMMER, E. *Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife*. Revista UFG, 2020, v.20.

PENÍNSULA, I. *Sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios do Coronavírus no Brasil*. 2020.
Disponível em <https://www.institutopeninsula.org.br/> Acesso em: 10 fev. 2023.

PIMENTEL, M.; CARVALHO, F. da S. P. *Princípios da Educação Online*: para sua aula não ficar massiva nem maçante! SBC Horizontes, maio 2020. Disponível em: <http://horizontes.sbc.org.br/index.php/2020/05/23/principios-educacao-online/> Acesso em: 10 fev. 2023.

PRETTO, N. de L. (Org). *Tecnologia e novas Educações*. Salvador/Bahia: Edufba, 2005. v. 1, 230 p.

RAUPP, Eliane Santos. *Ensino de Língua Portuguesa: uma perspectiva linguística*. Publicatio UEPG: Ciências Sociais Aplicadas, v. 13, n. 2, 2005. p. 49-58.

ROSA, Rosemar. *Trabalho docente*: dificuldades apontadas pelos professores no uso das tecnologias. Revista Encontro de Pesquisa em Educação, Uberaba, v. 1, n.1, p. 214-227, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/itall/Downloads/710-Texto%20do%20artigo-3132-1-10-20131030.pdf> Acesso em: 10 fev. 2023.

SANTOS, B. de S. *A Gramática do Tempo*: para uma nova cultura política. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

SANTOS, E. *Educação online para além da EAD: um fenómeno da cibercultura*. Anais do Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2009, p. 5658-5671.

SCHNEWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

SOUSA, Rosangela Pereira; CARVALHO, Raquel Leal. Relato de Experiência: oficinas virtuais de Língua Portuguesa e a formação docente no atual contexto pandêmico. In: ARAÚJO, Lucélia Costa; [et al]. *A pesquisa em educação e suas possibilidades na formação docente*. Simpósio Virtual de Produção Científica, Parnaíba, PI: Acadêmica Editorial, 2022. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/a-pesquisa-em-educacao-e-suas-possibilidades-para-a-formacao-docente-1414695> Acesso em: 10 fev. 2023.

SILVA, M. *Sala de aula interativa*. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.